

# PSICOPATIA E DÉFICIT EMPÁTICO: DINÂMICAS DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E REPERCUSSÕES NO SOFRIMENTO PSÍQUICO DAS VÍTIMAS

PSYCHOPATHY AND EMPATHIC DEFICIT: DYNAMICS OF PSYCHOLOGICAL  
VIOLENCE AND REPERCUSSIONS ON THE PSYCHOLOGICAL SUFFERING  
OF VICTIMS

Ciências Sociais Aplicadas • 01/05/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/777431691](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/777431691)

Edilson Roberto de Souza Figueredo<sup>1</sup>

Neusa Afonsa da Cruz Santos<sup>2</sup>

Leandro Ribeiro Miwa<sup>3</sup>

## RESUMO

A psicopatia constitui um transtorno de personalidade caracterizado por frieza emocional, ausência de empatia e padrões persistentes de manipulação e comportamento antissocial, sendo amplamente discutida na Psicologia e áreas afins. Apesar do avanço nos estudos sobre o perfil do psicopata, ainda há lacunas quanto à compreensão do sofrimento vivenciado por suas vítimas. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo analisar a relação entre a frieza emocional de indivíduos com traços psicopáticos e o sofrimento psicológico silencioso de suas vítimas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada na análise de produções científicas nacionais e internacionais obtidas em bases como SciELO, PubMed, LILACS e Google Acadêmico. Os resultados evidenciam que indivíduos psicopatas apresentam traços marcantes como manipulação, impulsividade e ausência de remorso, além de habilidade em identificar vulnerabilidades em potenciais vítimas. As repercussões desse convívio são profundas, incluindo ansiedade, depressão, estresse pós-traumático, isolamento social, baixa autoestima e alterações comportamentais. Destacam-se estratégias abusivas como manipulação emocional (gaslighting), invalidação afetiva, desgaste psíquico progressivo e isolamento psicológico, que contribuem para a manutenção do ciclo de violência. Conclui-se que a psicopatia exerce impacto significativo e duradouro na saúde mental das vítimas, reforçando a necessidade de ampliar estudos, estratégias de prevenção e intervenções terapêuticas. Além disso, é fundamental dar visibilidade ao sofrimento dessas vítimas, promovendo reconhecimento, acolhimento e suporte adequado.

**Palavras-chave:** Psicopatia; Frieza emocional; Sofrimento psicológico; Vítimas.

## **ABSTRACT**

Psychopathy is a personality disorder characterized by emotional coldness, lack of empathy, and persistent patterns of manipulation and antisocial behavior, and it has been widely discussed in Psychology and related fields. Despite advances in studies on the psychopathic profile, there are still gaps in understanding the suffering experienced by their victims. In this context, the present study aimed to analyze the relationship between the emotional coldness of individuals with psychopathic traits and the silent psychological suffering of their victims. This is a qualitative, bibliographic study based on the analysis of national and international scientific publications retrieved from databases such as SciELO, PubMed, LILACS, and Google Scholar. The results indicate that psychopathic individuals exhibit prominent traits such as manipulation, impulsivity, and lack of remorse, as well as an ability to identify vulnerabilities in potential victims. The repercussions of such interactions are profound, including anxiety, depression, post-traumatic stress disorder, social isolation, low self-esteem, and behavioral changes. Abusive strategies such as emotional manipulation (gaslighting), affective invalidation, progressive psychological exhaustion, and psychological isolation are particularly noteworthy, as they contribute to maintaining the cycle of violence. It is concluded that psychopathy exerts a significant and lasting impact on the mental health of victims, highlighting the need to expand research, prevention strategies, and therapeutic interventions. Furthermore, it is essential to give visibility to the suffering of these victims, promoting recognition, support, and appropriate care.

**Keywords:** Psychopathy; Emotional coldness; Psychological suffering; Victims.

## 1. INTRODUÇÃO

A psicopatia é caracterizada por um conjunto de traços de personalidade e padrões comportamentais que podem ser compreendidos a partir da estrutura bifatorial proposta por Hare, Hart e Harpur (1991). Nessa perspectiva, o Fator 1 abrange aspectos interpessoais e afetivos, como manipulação, frieza emocional, ausência de remorso e incapacidade de empatia. Já o Fator 2 refere-se a um estilo de vida marcado pela instabilidade e irresponsabilidade, envolvendo impulsividade, dificuldades em manter compromissos e comportamentos antissociais (Hare, 2001).

Além dessa base estrutural, estudos recentes ampliam a compreensão sobre a forma como esses indivíduos interagem socialmente. Evidências mostram que pessoas com traços psicopáticos tendem a empregar diversos métodos de manipulação e exploração dos outros em benefício próprio (Jonason ; Webster, 2012; Jonason *et al.*, 2014). Elas também demonstram maior propensão a enganar e ludibriar, quando comparadas àquelas sem tais características (Jones, 2014). Complementarmente, esses indivíduos apresentam maior inclinação à impulsividade e à agressividade, sobretudo quando tais comportamentos favorecem seus objetivos pessoais (Cima ; Raine, 2009).

O estudo sobre a psicopatia tem despertado crescente interesse na Psicologia, Criminologia e nas Ciências Sociais, sobretudo pela complexidade de compreender como indivíduos psicopatas apresentam padrões de frieza emocional, ausência de empatia e manipulação. Paralelamente, pouco se discute sobre as vítimas desses indivíduos, que frequentemente sofrem de forma silenciosa, desenvolvendo traumas emocionais, depressão, ansiedade e outras

repercussões psicológicas. Assim, pergunta-se: De que forma a frieza emocional característica de indivíduos com traços de psicopatia contribui para o sofrimento silencioso de suas vítimas e como a literatura científica descreve esses impactos nas relações interpessoais?

Uma revisão bibliográfica sobre esse tema é relevante, pois permite sistematizar as produções acadêmicas já publicadas, identificar lacunas de conhecimento e destacar a necessidade de maior visibilidade ao sofrimento das vítimas, ampliando o campo de atuação e reflexão de profissionais da Psicologia, da área jurídica e da saúde mental.

Desse modo, o presente estudo visa analisar, por meio de revisão bibliográfica, a relação entre a frieza emocional de psicopatas e o sofrimento silencioso vivenciado por suas vítimas.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1. A Psicopatia**

A psicopatia é um termo de origem grega, formado pela junção de *psyché* (alma, mente) e *pathos* (paixão, sofrimento). Embora hoje seja associada a um conjunto específico de características, sua compreensão passou por transformações significativas ao longo da história. Henriques (2009) destaca que, no século XIX, o termo era amplamente utilizado na literatura médica para designar transtornos mentais de forma geral, sem a delimitação conceitual que possui atualmente.

Na contemporaneidade, o termo *psicopatia* não aparece explicitamente nos principais manuais diagnósticos, como o Manual

Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) ou o Classificação Internacional de Doenças (CID). Contudo, esses manuais incorporam elementos centrais da descrição clássica de Cleckley (Henriques, 2009), utilizando-os como base para a definição do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA). Assim, no DSM-V encontram-se especificados os critérios clínicos que orientam esse diagnóstico (Tabela 1), evidenciando como o conceito de psicopatia permanece influente, ainda que implicitamente, na classificação psiquiátrica atual.

**Tabela 1** - Critérios diagnósticos do transtorno de personalidade antissocial DSM-5

<b>Critério</b>	<b>Descrição</b>
<b>A</b>	Padrão persistente de desrespeito e violação dos direitos alheios desde os 15 anos, indicado por três (ou mais) dos seguintes itens:
<b>1</b>	Fracasso em seguir normas sociais, com repetição de atos passíveis de detenção.
<b>2</b>	Tendência à falsidade: mentiras frequentes, uso de nomes falsos ou trapaçás por interesse ou prazer pessoal.
<b>3</b>	Impulsividade ou incapacidade de planejar o futuro.
<b>4</b>	Irritabilidade e agressividade: envolvimento em brigas ou agressões físicas recorrentes.
<b>5</b>	Descaso com a segurança própria ou de terceiros.
<b>6</b>	Irresponsabilidade contínua: falhas em manter emprego ou cumprir obrigações financeiras.
<b>7</b>	Ausência de remorso: indiferença ou justificativas ao prejudicar, maltratar ou roubar alguém.
<b>B</b>	Idade mínima de 18 anos.

<b>C</b>	Evidência de transtorno de conduta com início antes dos 15 anos.
<b>D</b>	Os comportamentos não ocorrem exclusivamente durante episódios de esquizofrenia ou transtorno bipolar.

**Fonte:** *American Psychiatric Association* (2014)

No DSM-5, a psicopatia não aparece como categoria autônoma, mas encontra correspondência sobretudo no TPA. No entanto, distingue-se deste por incluir componentes como frieza emocional e ausência de remorso, características que não necessariamente estão presentes em todos os indivíduos diagnosticados com TPA.

Cleckley (Henriques, 2009) propôs um conjunto de 16 características fundamentais para descrever o que viria a constituir o quadro clássico da psicopatia. Essas descrições, ainda hoje amplamente referenciadas, ressaltam tanto aspectos interpessoais quanto afetivos e comportamentais do indivíduo psicopático. Entre tais características, incluem-se: charme superficial aliado a uma aparência de boa “inteligência”; ausência de delírios e de sinais de pensamento irracional; falta de nervosismo ou de manifestações psiconeuróticas; além de comportamento marcado pela inconfiabilidade, inverdade e insinceridade.

Também se destaca a ausência de remorso ou vergonha e a tendência a comportamentos antissociais sem motivação adequada, acompanhada de julgamento empobrecido e incapacidade de aprender com a experiência. O egocentrismo patológico e a incapacidade para amar evidenciam ainda mais a pobreza afetiva, assim como o empobrecimento das reações

emocionais e a perda de *insight* específico sobre si e suas ações (Henriques, 2009).

No âmbito das relações interpessoais, observa-se falta de responsividade emocional, bem como episódios de comportamento fantástico ou inadequado, especialmente sob efeito de álcool (e, por vezes, mesmo sem ele). Cleckley também aponta que indivíduos com esses traços raramente cometem suicídio e tendem a manter uma vida sexual impessoal, trivial e mal integrada. Por fim, destaca-se sua dificuldade em seguir qualquer plano de vida consistente, o que reforça a desorganização e a impulsividade características desse perfil (Henriques, 2009).

Sob a perspectiva da Organização Mundial da Saúde (OMS), a psicopatia corresponde ao Transtorno de Personalidade Dissocial, classificado no CID-10 pelo código F6 (APA, 2014). Essa condição é descrita como um transtorno de personalidade marcado pelo desprezo às obrigações sociais, ausência de empatia e desvio considerável em relação às normas de convivência.

O comportamento do indivíduo tende a ser pouco influenciado por experiências adversas, mesmo diante de punições. Além disso, há baixa tolerância à frustração, limiar reduzido para descargas agressivas e tendência a culpar os outros ou a oferecer justificativas racionais para condutas que o colocam em conflito com a sociedade (APA, 2014).

Nesse contexto, compreende-se o psicopata como um indivíduo que apresenta distúrbios de conduta e comportamento, situado entre a normalidade e a patologia mental. Tal transtorno envolve o comprometimento de três dimensões psíquicas: a afetividade,

caracterizada pela insensibilidade e indiferença; a conação-volição, que expressa intenções distorcidas; e a capacidade crítica, marcada por ações impulsivas e desconsideração das consequências (Palomba, 2003).

Os comportamentos observáveis em psicopatas são amplamente descritos na literatura. Entre eles destacam-se o charme superficial, que lhes confere habilidade para manipular os outros por meio de aparente normalidade; a grandiosidade e o excesso de ego, associados a um sentimento de superioridade e domínio; e a mentira patológica, usada como instrumento de manipulação sem qualquer traço de ansiedade ou culpa. Soma-se a isso a manipulação deliberada de pessoas, a ausência de remorso, a frieza afetiva, a irresponsabilidade, a impulsividade e o padrão antissocial de violação de direitos, frequentemente acompanhado de hostilidade e agressividade (Hare; Hart; Harpur, 1991; Babiak ; Hare, 2006; Patrick, 2008).

Considera-se que a psicopatia decorre de uma falha na estrutura da personalidade, uma organização composta por características cognitivas, afetivas, volitivas e físicas do indivíduo. Essa estrutura resulta da integração de fatores biológicos, psicológicos e sociais, cuja interação molda o desenvolvimento e a expressão da personalidade (Cohen; Ferraz ; Segre, 1996).

Atualmente, a personalidade psicopática é descrita por traços marcantes como ausência de afetividade, amoralidade, impulsividade, inadequação social e incorrigibilidade (Moreira, 2022). A maioria dos pesquisadores concorda que o psicopata possui plena consciência de seus atos e é capaz de distinguir o certo do errado. Autores como Jorge Trindade, Andréa Baheregaray, Mônica

Rodrigues e Robert Hare sustentam que a psicopatia não se enquadra como doença mental, pois não apresenta sintomas psicóticos ou delirantes, diferindo de transtornos como esquizofrenia ou psicose (Abreu, 2021).

Dessa forma, torna-se evidente a diferença entre o psicopata e o doente mental. Enquanto o segundo pode ter comprometida a capacidade de discernimento e juízo da realidade, o primeiro mantém essas funções preservadas. O transtorno psicopático, portanto, não afeta a razão, mas a estrutura de personalidade, tornando o indivíduo plenamente consciente de seus atos e de suas consequências, ainda que desprovido de empatia ou culpa.

## **2.2. Diagnóstico e Etiologia da Psicopatia**

Para o diagnóstico da psicopatia, Robert Hare desenvolveu a *Psychopathy Checklist* (PCL), um instrumento amplamente utilizado na avaliação clínica e forense. Essa escala foi construída a partir das características clássicas descritas por Cleckley (Henriques, 2009) e das concepções do próprio Hare sobre o funcionamento psicopático. Conforme citado por Evangelista (2015), a PCL reúne 17 itens que permitem identificar, de forma sistemática, traços interpessoais, afetivos e comportamentais associados à psicopatia. Trata-se, portanto, de um marco importante na avaliação desse constructo, oferecendo maior objetividade e padronização ao processo diagnóstico.

Loquacidade/encanto superficial, egocentrismo/sentido de grandioso de si próprio, necessidade de estimulação/tendência para o tédio, mentir patológico, estilo manipulativo, ausência de remorsos e de sentimentos de culpa, estilo de vida parasita, deficiente

controle comportamental, comportamento sexual promíscuo, comportamento criminal precoce, ausência de metas realistas a longo prazo, impulsividade, irresponsabilidade, incapacidade para aceitar responsabilidades pelos próprios atos, relações afetivas instáveis e breves, delinquência juvenil, revogação de medidas restritivas da liberdade e versatilidade criminal (Evangelista, 2015).

A avaliação do grau de psicopatia em um indivíduo é realizada com base em 20 características organizadas em dois grandes fatores. O Fator 1, de natureza interpessoal-afetiva, engloba traços centrais como insensibilidade emocional, manipulação e ausência de empatia. Já o Fator 2, associado ao estilo de vida antissocial, contempla aspectos como impulsividade, desinibição e padrões persistentes de comportamento antissocial. Além desses domínios, dois itens adicionais contribuem para a pontuação global da escala, embora não se agrupem em nenhum dos fatores: o comportamento sexual promíscuo e o elevado número de relacionamentos conjugais breves (Hare; Neumann ; Widiger, 2012).

Embora haja correlação moderada entre os fatores 1 e 2, estudos apontam que cada um reúne características distintas, com diferentes níveis de capacidade preditiva (Hunt, 2015). A avaliação é feita por meio da PCL-R, que utiliza entrevistas semiestruturadas e revisão detalhada do histórico do indivíduo. A pontuação necessária para o diagnóstico de psicopatia é de 30 em 40 pontos, podendo variar para 25/40 em alguns países (Hare, 2020).

Apesar da relevância da PCL-R para usos clínicos e forenses, persiste um amplo debate sobre a validade de classificar indivíduos como “psicopatas” ou “não psicopatas”. A literatura contemporânea apoia uma visão dimensional, segundo a qual traços psicopáticos são

distribuídos ao longo de um contínuo na população (Edens *et al.*, 2006; Guay *et al.*, 2007; Miller *et al.*, 2001; Walters *et al.*, 2007a; 2007b). Assim, os psicopatas representariam o extremo desse espectro, sem constituírem uma categoria totalmente separada, raciocínio aplicável também a outros transtornos de personalidade (Tyrer, 2012; Zimmerman *et al.*, 2011).

Além disso, observa-se uma dificuldade significativa na identificação da psicopatia em mulheres. Isso ocorre porque a expressão clínica de comportamentos antissociais tende a diferir entre os gêneros, sendo a agressividade, um marcador frequente da psicopatia, mais evidente entre homens. Enquanto eles costumam expressar impulsividade associada à insensibilidade afetiva, mulheres frequentemente exibem formas menos impulsivas, embora ambas as populações apresentem uso instrumental da violência, emoções superficiais e ausência de culpa.

Contudo, as mulheres permanecem subinvestigadas e subdiagnosticadas, apesar do crescimento no número de delitos cometidos por elas e da constatação de que menos da metade das mulheres em conflito com a lei recebe diagnóstico de psicopatia (Gomes; de Almeida, 2010). A escassez de estudos específicos sobre o tema limita, portanto, a precisão das estimativas acerca da prevalência da psicopatia no gênero feminino.

Acerca de sua etiologia, a psicopatia não pode ser compreendida apenas a partir de fatores externos; há evidências de que aspectos biológicos e alterações neurofuncionais desempenham um papel importante no processo que leva esses indivíduos a desenvolver padrões de funcionamento disfuncionais. Assim, entende-se hoje que a etiologia da psicopatia resulta da interação entre fatores

biológicos, ambientais e sociais, e não de um único determinante isolado. Nesse sentido, a psicopatia dificilmente surge de forma abrupta na idade adulta, sendo mais plausível que sinais e traços relacionados ao transtorno se manifestem ao longo do desenvolvimento do indivíduo (Vasconcellos, 2014).

Os elementos necessários para o surgimento da psicopatia, como a profunda incapacidade de vivenciar empatia e uma gama completa de emoções, incluindo o medo; parecem ser, em parte, fornecidos pela própria natureza, possivelmente influenciados por fatores biológicos ainda pouco compreendidos que atuam durante o desenvolvimento fetal e neonatal. Como resultado, a capacidade de estabelecer controles internos, formar consciência moral e desenvolver vínculos afetivos consistentes tende a ser significativamente reduzida nesses indivíduos (Vasconcellos, 2014).

No entanto, isso não implica que psicopatas estejam biologicamente determinados a seguir um caminho socialmente desviante. Conforme destaca Hare<sup>31</sup>, trata-se de uma predisposição que oferece uma base mais frágil para processos de socialização, aprendizagem moral e construção da consciência. O ambiente, junto às experiências sociais e educacionais, continua exercendo influência decisiva sobre a forma como esses traços serão moldados ao longo da vida. Dessa forma, embora exista um componente biológico relevante, ele interage continuamente com o contexto, contribuindo para o desenvolvimento singular de cada indivíduo.

### **2.3. Tratamento da Psicopatia**

Aguiar e Decarlo (2020) apontam que, embora não exista cura para a psicopatia, intervenções terapêuticas adequadas podem contribuir

para que esses indivíduos convivam de forma mais adaptada com as pessoas ao seu redor. No entanto, a efetividade dessas abordagens ainda é motivo de debate. Gonçalves (2019), por exemplo, destacam que os tratamentos disponíveis têm se mostrado amplamente ineficazes, sobretudo devido à dificuldade em conter a progressão dos sintomas e à elevada taxa de reincidência observada nesses pacientes.

O mesmo autor ressalta que, apesar desses desafios, existem comunidades terapêuticas voltadas especificamente ao atendimento de indivíduos com traços psicopáticos, bem como o uso da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) como estratégia para reduzir danos associados aos padrões de comportamento desses sujeitos. Ainda assim, as evidências científicas sobre a eficácia dessas intervenções permanecem inconclusivas, o que reforça a complexidade que envolve o manejo clínico da psicopatia e a necessidade de mais pesquisas que investiguem abordagens terapêuticas promissoras e baseadas em evidências (Gonçalves, 2019).

As terapias biológicas, como o uso de medicamentos, e as psicoterapias em geral mostram-se pouco eficazes para indivíduos com psicopatia na fase adulta. Entretanto, quando aplicadas na infância, algumas intervenções podem apresentar resultados positivos. Com o uso adequado de medicamentos, observa-se certa modificação em padrões comportamentais, especialmente no controle da agressividade e da impulsividade, o que favorece a convivência social e auxilia o indivíduo a reconhecer que é possível interagir com os outros sem causar-lhes dano (Hare, 2013).

Nesse sentido, Hare (2013) concorda que os resultados terapêuticos tendem a ser limitados e, em alguns casos, contraproducentes. O autor adverte que a maioria dos programas de terapia faz pouco mais do que fornecer ao psicopata novas desculpas e racionalizações para seu comportamento e novos modos de compreensão da vulnerabilidade humana.

Em vez de promover mudanças genuínas, as terapias acabam oferecendo instrumentos para uma manipulação ainda mais sofisticada, pois os psicopatas aprendem novos e melhores modos de manipular as outras pessoas, mas fazem pouco esforço para mudar suas próprias visões e atitudes ou para entender que os outros têm necessidades, sentimentos e direitos. Tentativas de ensiná-los a “de fato sentir” empatia ou remorso, portanto, estão fadadas ao fracasso (Hare, 2013).

### **3. METODOLOGIA**

O estudo consiste em uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, fundamentada na análise de produções científicas sobre psicopatia, frieza emocional e sofrimento psicológico das vítimas. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica tem como objetivo principal a sistematização do conhecimento existente sobre determinado tema, permitindo compreender conceitos, teorias e resultados já consolidados.

Segundo Lakatos e Marconi (2021), a pesquisa bibliográfica baseia-se na consulta a materiais já elaborados com a finalidade de analisar e discutir contribuições teóricas existentes. Assim, o trabalho busca reunir e examinar referências clássicas e atuais sobre a psicopatia, contemplando autores como Hare (1991; 2013), Palomba (2003),

Cohen (1996), Clarke (2011), Muribeca (2017) e Ressler e Shachtman (2005), entre outros, cujas obras contribuem para o entendimento do transtorno de personalidade psicopática e de suas repercussões emocionais e sociais.

A coleta de dados foi realizada em bases acadêmicas como SciELO, PubMed, Google Acadêmico e LILACS, abrangendo publicações nacionais e internacionais. Foram utilizados descritores em português e inglês, tais como *psicopatia (psychopathy)*, *frieza emocional (emotional coldness)*, *vítimas (victims)*, *transtornos de personalidade (personality disorders)* e *sofrimento psicológico (psychological suffering)*.

Foram incluídos artigos, dissertações e livros publicados em qualquer data, que abordassem de forma direta a psicopatia e seus efeitos nas vítimas, privilegiando estudos com fundamentação teórica consistente. Foram excluídos materiais sem respaldo científico ou que tratassem o tema de forma superficial.

Após a triagem e leitura analítica, as obras selecionadas foram interpretadas por meio da análise de conteúdo temática.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.4 PRINCIPAIS TRAÇOS DE FRIEZA EMOCIONAL ASSOCIADOS À PSICOPATIA**

#### **4.1. Principais Traços de Frieza Emocional Associados à Psicopatia**

A psicopatia é compreendida como uma síndrome complexa, composta por traços interpessoais (como grandiosidade e manipulação), aspectos afetivos (como ausência de remorso e emocionalidade superficial), elementos de estilo de vida (como impulsividade e busca por risco) e padrões de desvio social, que

incluem dificuldade em controlar a raiva e envolvimento em atividades criminosas (Hare, 2003).

A combinação desses traços frequentemente resulta em consequências profundas, tanto para os próprios indivíduos quanto para aqueles que convivem com eles. Psicopatas tendem a agir de modo impulsivo, priorizando a gratificação imediata e o ganho pessoal, sem levar em consideração o impacto de suas ações. Além disso, demonstram um déficit significativo em sensibilidade moral, engajando-se com maior frequência em comportamentos imorais quando comparados a pessoas sem esses traços (Arvan, 2013; Ritchie; Forth, 2016).

Embora a prevalência estimada de psicopatia na população geral seja inferior a 1% (Coid *et al.*, 2009; Neumann; Hare, 2008), o impacto sobre a saúde psicológica e física das vítimas é expressivo (Kirkman, 2005; Leedom; Geislin; Hartoonian Almas, 2012; Mathieu *et al.*, 2014). A literatura aponta ainda que a psicopatia constitui um importante fator de risco para uma variedade de comportamentos nocivos, que vão desde o assédio moral em ambientes corporativos (Boddy, 2011) até episódios de violência extrema, incluindo atos letais (Fox; DeLisi, 2019).

No que diz respeito às emoções e relações interpessoais, Hare (2013) ressalta que indivíduos psicopatas apresentam uma profunda limitação emocional. Suas emoções são rasas e desprovidas da complexidade fisiológica que caracteriza sentimentos como medo, ansiedade ou afeto genuíno. Dessa forma, não experimentam emoções na mesma intensidade ou profundidade que pessoas sem o transtorno.

Como não vivenciam sensações desagradáveis capazes de inibir comportamentos impulsivos ou gerar reflexão sobre as consequências, tendem a agir de acordo com seus desejos imediatos. Seu conhecimento sobre emoções provém essencialmente da observação de outros, o que lhes permite imitar ou descrever sentimentos, mas não vivenciá-los de maneira autêntica e isso inclui a empatia.

A incapacidade de se colocar emocionalmente no lugar do outro, somada a um egocentrismo acentuado, faz com que esses indivíduos considerem as consequências de seus atos como aspectos secundários ou irrelevantes. As normas sociais só são respeitadas quando coincidem com seus interesses. Quando confrontados por comportamentos que ferem ou prejudicam outras pessoas, é comum que invertam papéis, culpando as próprias vítimas pelos danos sofridos. Esse padrão evidencia a ausência de remorso ou culpa, característica marcante da psicopatia (Hare, 2013).

A exploração interpessoal, característica central da psicopatia, pressupõe a capacidade de identificar alvos mais suscetíveis à manipulação. Nem todos os indivíduos são igualmente vulneráveis, e psicopatas obtêm vantagens ao direcionar seus esforços àqueles que demonstram fragilidades emocionais, comportamentais ou relacionais. Nesse sentido, Book, Costello e Camilleri (2013) argumentam que, para atuarem como predadores sociais eficazes, os psicopatas precisam ser capazes de interpretar sinais de vulnerabilidade em potenciais vítimas, o que lhes permite selecionar alvos com maior precisão.

Evidências empíricas sustentam essa hipótese: embora apresentem déficits emocionais específicos, psicopatas parecem compreender

adequadamente os estados mentais e motivações de outras pessoas (Blair *et al.*, 1995), ao mesmo tempo em que demonstram menor responsividade ao sofrimento alheio (Blair, 1997), combinação que favorece a exploração instrumental.

Apesar disso, estudos com amostras de estudantes (Visser *et al.*, 2010) e populações forenses (Ermer *et al.*, 2012) mostram que a psicopatia pode estar associada a níveis mais baixos de inteligência emocional, quando essa é medida como habilidade. Contudo, esse déficit não parece comprometer a capacidade de reconhecer vulnerabilidade nas interações sociais. Pesquisas anteriores indicam correlações claras entre traços psicopáticos e a habilidade de avaliar características relevantes em possíveis vítimas.

Em um estudo envolvendo detentos, indivíduos da comunidade e estudantes universitários, Book *et al.* (2007) verificaram que aqueles com pontuações mais altas em psicopatia eram mais precisos ao avaliar o nível de assertividade de outras pessoas, utilizando a Escala de Assertividade de Rathus (1973). Essa precisão sugere que indivíduos com maior traço psicopático podem identificar com mais facilidade pessoas menos assertivas, e, portanto, mais vulneráveis à manipulação.

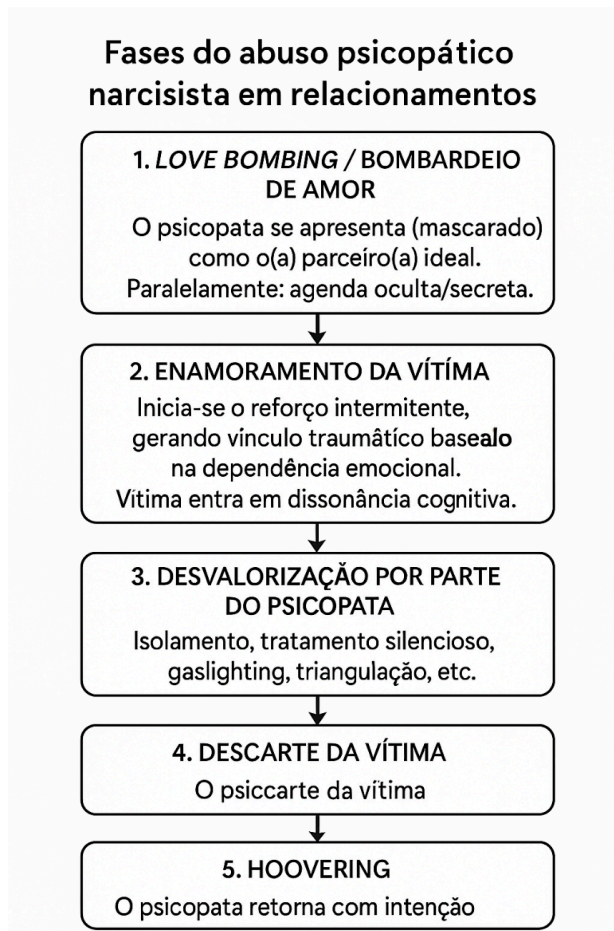
Resultados semelhantes foram observados em estudos que investigaram a capacidade de psicopatas para avaliar o histórico de vitimização de outras pessoas com base apenas em vídeos curtos das vítimas caminhando (Book; Costello; Camilleri, 2013; Ritchie *et al.*, 2018; Wheeler; Book; Costello, 2009). Nesses experimentos, os avaliadores atribuíam probabilidades de vitimização após assistirem aos vídeos, e tais avaliações eram comparadas ao histórico real previamente informado pelos indivíduos-alvo.

Os traços psicopáticos correlacionaram-se positivamente com maior precisão na identificação de vítimas potenciais, tanto em amostras universitárias (Wheeler; Book ; Costello, 2009; Ritchie *et al.*, 2018) quanto em detentos condenados por crimes violentos (Book; Costello; Camilleri, 2013). Além disso, essa precisão parece ser predita especificamente pela psicopatia, mesmo quando controladas outras dimensões da Tríade Sombria, como maquiavelismo e narcisismo (Ritchie; Blais ; Forth, 2019).

Considerando que psicopatas são desproporcionalmente representados na população carcerária e têm grande participação em crimes violentos (Hare, 2003), compreender como escolhem suas vítimas torna-se fundamental para o entendimento dos mecanismos de violência e para o desenvolvimento de estratégias de prevenção.

No contexto das relações íntimas, o padrão de abuso perpetrado por indivíduos com traços psicopáticos também segue uma dinâmica cíclica, composta por etapas repetitivas de aproximação, manipulação, desvalorização, agressão e reaproximação. Esse ciclo, representado esquematicamente na Figura 1, evidencia o caráter sistemático e progressivo da violência emocional e psicológica aplicada a parceiros íntimos, bem como a dificuldade das vítimas em reconhecer e romper esse padrão.

**Figura 1** – Ciclo do abuso psicopático



Fonte: Adaptado de Galende ; Puertas  
(2024)

O impacto psicológico desse tipo de abuso é profundo e devastador, evidenciando a urgência de ampliar a disseminação de informações sobre as particularidades do abuso perpetrado por indivíduos com traços psicopáticos. Quanto mais claras forem as especificidades desse fenômeno ; seus mecanismos, ciclos e estratégias de manipulação, maior será a capacidade de reconhecer sinais precoces, oferecer suporte adequado às vítimas e desenvolver intervenções eficazes para prevenção e enfrentamento.

#### **4.2. Repercussões Emocionais e Psicológicas Relatadas Pelas Vítimas de Psicopatas**

Indivíduos com traços psicopáticos apresentam uma marcante propensão a comportamentos malévolos e prejudiciais. Embora exista um volume considerável de pesquisas voltadas à

compreensão da psicopatia, as experiências das vítimas desses indivíduos ainda recebem relativamente pouca atenção na literatura.

Os poucos estudos dedicados ao tema (Kirkman, 2005; Leedom; Geislin; Hartoonian Almas, 2012; Humeny; Forth; Logan, 2021) mostram que a convivência com pessoas psicopatas pode resultar em danos profundos — físicos, sexuais, emocionais e financeiros. Esses achados reforçam que, apesar de a prevalência da psicopatia na população geral ser inferior a 1% (Coid *et al.*, 2019; Neumann; Hare, 2008), o impacto sobre a saúde mental e física das vítimas é extremamente significativo (Kirkman, 2005; Mathieu *et al.*, 2014; Boddy, 2014; Leedom, 2017).

A dinâmica de interação abusiva se torna ainda mais evidente ao analisarmos o comportamento interpessoal do psicopata. Conforme descreve Hare (2013), esses indivíduos se assemelham a atores habilidosos, capazes de interpretar o papel que lhes trará maior vantagem. Movidos por um impulso intenso de autogratificação, podem causar sofrimento profundo e prolongado às suas vítimas. Nos crimes contra a pessoa, frequentemente humilham, intimidam e infligem dor como forma de reafirmar poder e superioridade, em grande parte porque lhes falta a capacidade de vivenciar emoções humanas genuínas.

As consequências emocionais e psicológicas para as vítimas são severas e duradouras. Clarke (2011) descreve que os sintomas mais frequentemente relatados incluem ataques de pânico, episódios depressivos, distúrbios do sono, pesadelos, dificuldades de relacionamento, sentimentos de confusão, culpa, descrença, raiva, impotência, vergonha e até disfunções sexuais. Esses impactos

evidenciam o caráter devastador do contato prolongado com indivíduos psicopáticos.

A psicopatia também se destaca como um importante fator de risco para a violência doméstica, definida como qualquer forma de violência física, sexual ou emocional dentro de um relacionamento íntimo. Em uma metanálise abrangente, Robertson, Walker e Frick (2020). identificaram a psicopatia como um dos preditores mais fortes da violência doméstica, superando fatores tradicionalmente associados ao fenômeno, como agressão geral, comportamento antissocial e consumo de álcool.

Embora os resultados sobre qual dimensão da psicopatia esteja mais fortemente relacionada à perpetração da violência doméstica ainda sejam inconsistentes, a literatura aponta a dimensão afetiva, caracterizada pela frieza emocional e ausência de empatia, como a mais frequentemente associada (Cunha *et al.*, 2020; Mager; Bresin; Verona, 2014).

Em geral, indivíduos com traços psicopáticos apresentam maior probabilidade de cometer violência doméstica do que aqueles sem tais traços (Grann; Wedin, 2002), e estima-se que entre 15% e 30% dos perpetradores de violência doméstica atendam aos critérios clínicos de psicopatia (Huss; Langhinrichsen-Rohling, 2000).

Além disso, quatro estudos dedicaram-se especificamente às experiências de vítimas em relacionamentos românticos com psicopatas. Leedom *et al.* (2012) analisaram as memórias publicadas de 10 mulheres que tiveram relacionamentos íntimos prolongados, avaliando seus parceiros pela PCL-R (Hare, 2003) e realizando uma análise qualitativa. Todos os parceiros alcançaram pontuações

elevadas, entre 29 e 40 pontos. As mulheres relataram experiências de manipulação, engano e diversas formas de abuso, muitas vezes também dirigidas aos filhos.

Kirkman (2005), em entrevistas com 20 mulheres que mantinham relacionamentos com homens psicopatas, identificou oito temas centrais de comportamentos abusivos: (1) persuadir a vítima a se vitimizar (100%), (2) mentir (100%), (3) abuso financeiro (75%), (4) abuso emocional (100%), (5) múltiplas infidelidades (100%), (6) isolamento e coerção (75%), (7) agressão física (40%) e (8) abuso emocional de crianças (100%).

De forma semelhante, Brown e Leedom (2008) investigaram 75 mulheres que relataram ter se relacionado intimamente com homens com traços psicopáticos. Constatou-se que 95% sofreram danos emocionais, 71% danos financeiros, 67% prejuízos profissionais e 51% danos de natureza sexual. Um achado particularmente impressionante foi que nenhuma das participantes relatou ausência de prejuízos. As sobreviventes também mencionaram sintomas de ansiedade, estresse, depressão, dissociação e dificuldades significativas nos relacionamentos interpessoais.

Mais recentemente, Humeny, Forth e Logan (2021) investigaram a relação entre psicopatia e violência doméstica em uma amostra de 475 indivíduos — majoritariamente mulheres (89%) — que se identificavam como estando em um relacionamento amoroso abusivo. Os resultados revelaram que as vítimas vivenciaram múltiplas formas de abuso, sendo o abuso emocional o mais prevalente (99%), seguido por engano (95%), abuso financeiro (83%), abuso físico (62%) e abuso sexual (59%).

A análise das dimensões da psicopatia mostrou que a dimensão afetiva estava fortemente associada à duração do relacionamento, enquanto as dimensões afetiva, de estilo de vida e antissocial foram correlacionadas ao grau das lesões físicas sofridas. Além disso, todas as dimensões se relacionaram tanto à frequência quanto à variedade dos abusos perpetrados. Esses achados reforçam a conclusão de que relacionamentos íntimos com indivíduos com traços psicopáticos resultam em impactos substanciais e amplamente negativos para as vítimas (Humeny; Forth; Logan, 2021).

Os estudos de Kirkman (2005) e Brown e Leedom (2008) complementam esse panorama ao descrever como, no início do relacionamento, os parceiros psicopatas se mostravam extremamente amorosos, atenciosos e aparentemente devotados, comportamento frequentemente identificado como parte da estratégia inicial de manipulação. A literatura indica que indivíduos com traços psicopáticos possuem a capacidade de detectar sinais não verbais e traços de personalidade que indicam vulnerabilidade (Book; Costello; Camilleri, 2013; Visser *et al.*, 2010; Ritchie *et al.*, 2018; Wheeler; Book ; Costello, 2009; Ritchie; Blais; Forth, 2019). Além disso, são capazes de imitar emoções como medo e remorso (Book; Costello; Camilleri, 2013; Brazil; Dias; Forth, 2021), bem como de ocultar sentimentos genuínos — como constrangimento ou ansiedade — ao elaborar narrativas enganosas (Porter *et al.*, 2011).

Essas evidências sugerem que indivíduos com traços psicopáticos possuem não apenas a habilidade de identificar potenciais vítimas, mas também de obter sua confiança e, posteriormente, explorá-las e prejudicá-las de forma sistemática. A capacidade de simular remorso é particularmente relevante, pois permite que manipulem

parceiros e dificulta o processo de rompimento, levando a vítima a acreditar em promessas de mudança.

Murray *et al.* (2012) acrescentam um dado ainda mais preocupante: indivíduos com altos níveis de traços psicopáticos não experimentam dissonância cognitiva ao mentir, diferentemente daqueles com baixos níveis desses traços. Isso significa que mentem com facilidade, sem desconforto emocional ou moral, o que lhes confere ainda mais eficácia em estratégias de manipulação. Assim, a combinação entre traços psicopáticos, habilidade de enganar e ausência de conflito interno ao mentir cria um cenário especialmente tóxico para qualquer pessoa que se envolva romanticamente com esses indivíduos.

No contexto corporativo, Clarke (2011) amplia essa análise ao descrever o *modus operandi* do psicopata organizacional. Sua atuação, baseada em manipulação prolongada e controle psicológico, afeta de modo profundo os colegas de trabalho. As vítimas frequentemente relatam perda de controle sobre a própria vida e vivenciam reações emocionais intensas, como choque, ansiedade e descrença. Embora tais sentimentos possam ocorrer em qualquer ambiente laboral, o impacto é mais destrutivo quando são provocados intencionalmente e de forma contínua por um psicopata corporativo, que utiliza a manipulação como estratégia de dominação (Clarke, 2011).

Pessoas que sofreram vitimização física, financeira, psicológica ou sexual por parte de um psicopata no ambiente de trabalho relatam uma ampla gama de reações emocionais, que variam desde choque e descrença até raiva intensa e ansiedade. Embora sentimentos como esses possam ocorrer em qualquer contexto profissional,

Clarke (2011) ressalta que o diferencial está na manipulação prolongada promovida pelo psicopata corporativo, cuja atuação sistemática visa justamente provocar e amplificar essas reações, gerando efeitos particularmente danosos para a saúde mental das vítimas.

Em sua análise, Clarke (2011) identificou quatorze sintomas recorrentes relatados por vítimas no contexto organizacional: ataques de pânico, depressão, distúrbios de sono e pesadelos, problemas de relacionamento, confusão, descrença, culpa, falta de confiança, raiva, impotência, flashbacks, vergonha, constrangimento e disfunções sexuais. Tais manifestações evidenciam o profundo impacto psicológico decorrente da convivência prolongada com indivíduos dotados de traços psicopáticos.

Além dos danos emocionais, Clarke (2011) observa que muitas vítimas acabam pedindo demissão, frequentemente acompanhadas por uma forte sensação de incapacidade, duvidando de suas próprias competências e temendo não conseguir recolocação profissional. Essa insegurança pode decorrer tanto da perda de confiança nos outros quanto da erosão da autoconfiança técnica. Já os funcionários que permanecem na empresa costumam desenvolver ressentimento profundo, sentindo-se traídos pela falta de apoio e proteção institucional. Colaboradores experientes, inclusive, relatam frustração ao perceberem que também foram manipulados.

Corroborando essa perspectiva, Medeiros, Júnior e Possas (2015) ressaltam que muitos trabalhadores permanecem em ambientes abusivos por necessidade, apesar das adversidades enfrentadas. Essa permanência forçada gera sentimentos de desproteção, baixa

autoestima e decepção com a organização, culminando em um ressentimento crescente por terem dedicado tempo e esforço a uma instituição que não os protegeu de situações traumáticas.

Clarke (2011) também destaca a profunda sensação de choque e descrença vivenciada quando o colaborador percebe ter sido manipulado ou hostilizado por um psicopata corporativo. Esse impacto psicológico inicial frequentemente leva a vítima a questionar o que ocorreu, duvidar de sua própria percepção e até mesmo de sua sanidade. A raiva e o ódio, por sua vez, surgem como reações naturais à percepção de injustiça e ameaça à integridade pessoal.

Outro efeito comum relatado por Clarke (2011) é a presença de *flashbacks*, manifestações intrusivas e involuntárias que remetem aos episódios traumáticos vividos no ambiente de trabalho. Com o passar do tempo, e após um período de luto e processamento emocional, esses *flashbacks* tendem a se tornar menos frequentes, embora continuem a ser desencadeados por situações semelhantes às experiências anteriores.

Entre os impactos psicológicos descritos, a depressão se destaca como o mais prejudicial. Clarke (2011) atribui esse desfecho à soma dos inúmeros danos causados pelo psicopata corporativo. O autor define a depressão como “uma condição debilitante que interfere com a habilidade de uma pessoa de experimentar prazer, interagir com outras pessoas e participar da vida” (Clarke, 2011, p. 54). Segundo ele, o sofrimento pode variar desde um humor depressivo mais leve até quadros severos, incluindo depressão clínica e transtorno distímico, evidenciando o amplo espectro de comprometimento emocional provocado por esse tipo de abuso.

Nos casos de abuso sexual, o comportamento psicopático assume contornos ainda mais cruéis. O agressor sexual planeja e se excita antes de agir, transformando o abuso em um ato compulsivo e cíclico. A repetição das agressões reforça um sistema de crenças rígido e resistente à mudança, levando à intensificação da violência (Muribeca, 2017).

A vulnerabilidade da vítima desperta no agressor a sensação de poder e invencibilidade; sua submissão o faz sentir-se dominante, e a destruição da vítima lhe confere uma perversa sensação de vitalidade. Nesses casos, o criminoso sexual projeta experiências pessoais passadas e enxerga as vítimas apenas como personagens de suas fantasias, desprovidas de humanidade (Abreu, 2021).

Ainda, a vingança, a expressão de poder e a necessidade de dominação são elementos recorrentes nos atos homicidas praticados por psicopatas. Segundo Ressler e Shachtman (2005), o assassinato pode envolver componentes de humilhação sexual e desumanização extrema. Quando mutilam ou violentam um corpo, esses indivíduos buscam simbolicamente retirar-lhe qualquer traço de humanidade, reafirmando sua própria sensação de controle e supremacia sobre o outro.

No estudo conduzido por Forth *et al.* (2020), as vítimas relataram que as consequências mais frequentes do relacionamento com parceiros psicopáticos foram dificuldades psicológicas e emocionais intensas. Entre os sentimentos predominantes estavam raiva, manifestada por irritabilidade, frustração e ódio, direcionado tanto ao agressor quanto a si mesmas, por vezes associado a sentimentos de misoginia internalizada.

As respostas transcritas pelos autores ilustram a intensidade desse sofrimento: “Por um tempo após o término do relacionamento, fiquei com raiva por ter sido enganada tão profundamente”; “Quando tudo aconteceu, eu estava com raiva e fúria”; ou ainda: “Quando ele saiu furioso..., senti uma forte sensação de ‘como ele se atreve a fazer isso comigo? Quem ele pensa que é?!’ Eu estava com muita raiva.” Além disso, sentimentos de ansiedade, medo, pânico e paranoia foram amplamente relatados, assim como diagnósticos de TEPT e sintomas obsessivos (Forth *et al.*, 2020).

Os impactos físicos também foram expressivos. As vítimas mencionaram uma variedade de efeitos biológicos, sendo mais comuns problemas somáticos como distúrbios gastrointestinais, úlceras e dores de cabeça. Outros sintomas relatados incluíram problemas cardíacos e respiratórios, doenças endócrinas e urológicas e doenças autoimunes. Relatos menos frequentes envolveram condições neurológicas (Forth *et al.*, 2020).

No âmbito comportamental, as vítimas relataram alterações significativas no sono e na alimentação, incluindo insônia, redução do autocuidado e aumento de comportamentos prejudiciais, como tabagismo e abuso de substâncias. Mudanças nas dinâmicas sociais também foram comuns, com retraimento, isolamento e diminuição da participação em atividades antes consideradas prazerosas. Dada a alta prevalência de sintomas de TEPT, não surpreende que muitas vítimas tenham descrito episódios de intrusão (*flashbacks*), dissociação (ruminação), dificuldades de concentração e prejuízos de memória (Forth *et al.*, 2020).

Os efeitos também se estenderam aos relacionamentos interpessoais. Muitas vítimas passaram a desconfiar intensamente

das outras pessoas, questionando motivações, investigando antecedentes, evitando compartilhar informações pessoais e temendo traições ou abandono. Esse padrão de hipervigilância social decorre, em grande medida, da percepção de que seus próprios julgamentos interpessoais haviam sido falhos durante o relacionamento com o parceiro psicopático (Forth *et al.*, 2020).

A forma como os indivíduos lidam com experiências de vitimização, seja violência doméstica, *bullying* ou outros crimes tem impacto direto sobre os resultados psicológicos, fisiológicos e relacionais (Casarez-Levison, 1992). McCann *et al.* (1988) desenvolveram um modelo teórico que categoriza as respostas das vítimas em comportamentais, biológicas, cognitivas, emocionais e interpessoais, permitindo compreender variações individuais nas reações ao trauma, tanto no curto quanto no longo prazo. Esse modelo fornece uma estrutura útil para analisar os efeitos específicos da psicopatia nas vítimas.

Diversas teorias de enfrentamento descrevem como as pessoas empregam estratégias cognitivas e comportamentais para lidar com experiências traumáticas (Folkman, 2008; Lazarus; Folkman, 1984; Tedeschi; Calhoun, 1996). Em geral, as estratégias cumprem duas funções:

1. Enfrentamento focado no problema, que busca modificar a situação estressora, como procurar apoio social instrumental.
2. Enfrentamento focado na emoção, que tenta regular o desconforto emocional, como uso de substâncias ou comportamentos autodestrutivos.

Embora a eficácia dependa do tipo de estressor, muitos autores argumentam que estratégias focadas no problema tendem a ser mais adaptativas, pois oferecem sensação de controle e contribuem para um melhor funcionamento emocional e físico (Lazarus; Folkman, 1984; Billings; Moos, 1981). Em contrapartida, estratégias focadas na emoção podem ser mal-adaptativas, uma vez que não atuam sobre a fonte do estresse, frequentemente intensificando o sofrimento (Endler; Parker, 1990; Hooberman *et al.*, 2010; Meyer, 2001). Entre sobreviventes de violência doméstica, por exemplo, o uso recorrente dessas estratégias está associado ao aumento dos sintomas de TEPT (Forth *et al.*, 2020).

Assim, pesquisadores têm agrupado as estratégias de enfrentamento em adaptativas e mal-adaptativas (Meyer, 2001; Kirby; Shakespeare-Finch; Palk, 2011; Moore; Biegel; McMahon, 2011), em vez de classificá-las apenas como focadas no problema ou na emoção. Importante destacar que os efeitos da vitimização variam amplamente entre os indivíduos: enquanto alguns desenvolvem consequências severas e persistentes, outros conseguem processar suas experiências de maneira mais eficaz.

#### **4.2.1. Manipulação Emocional**

A manipulação emocional constitui uma estratégia recorrente em relações abusivas, sendo utilizada como meio de controle e dominação da vítima. Entre essas práticas, destaca-se o *gaslighting*, caracterizado pela distorção sistemática da realidade, na qual o agressor leva a vítima a duvidar de suas próprias percepções, memórias e julgamentos. Esse processo enfraquece progressivamente a autonomia emocional e cognitiva da vítima,

dificultando sua capacidade de reconhecer a situação de abuso e reagir a ela (Agostinho; Donadon; Bullamah, 2019).

Nesse contexto, práticas como humilhação constante e isolamento social contribuem para a desestruturação da identidade e da autoestima da vítima. Segundo Carvalho e Dantas (2023), essas estratégias promovem um processo de fragilização psicológica, no qual a mulher passa a questionar seu próprio valor e suas capacidades, tornando-se mais vulnerável à manutenção da relação abusiva. Embora os efeitos da violência psicológica sejam menos evidentes que os da violência física, suas consequências tendem a ser profundas e duradouras, impactando significativamente o bem-estar emocional.

O *gaslighting*, em particular, apresenta elevado potencial destrutivo, pois atua diretamente na percepção da realidade da vítima, comprometendo sua capacidade de julgamento e favorecendo o desenvolvimento de dependência emocional. Conforme Azevedo Júnior (2024), essa dinâmica faz com que a vítima perca a confiança em si mesma e em suas interpretações, tornando-se mais suscetível à influência do agressor. Esse mecanismo reforça o ciclo de violência, uma vez que a insegurança crescente dificulta a ruptura da relação abusiva.

As estratégias associadas ao *gaslighting* incluem negação de fatos, desqualificação de sentimentos, isolamento progressivo e, em alguns casos, validação social do agressor por meio de terceiros. Tais práticas contribuem para a intensificação de sentimentos de confusão, insegurança e dúvida em relação à própria sanidade.

De acordo com Beck (2014), esse padrão de manipulação interfere diretamente nos processos cognitivos da vítima, favorecendo a internalização de crenças negativas sobre si mesma.

Além disso, fatores como autoestima e recursos psicológicos individuais desempenham papel fundamental na forma como as mulheres enfrentam e superam situações de abuso. Nesse sentido, a literatura evidencia que níveis mais baixos de autoestima estão associados a maior dificuldade de resistência e recuperação diante de contextos adversos. Conforme Costa, Carvalho e Nardi (2023), o fortalecimento da autoestima constitui elemento essencial para a reconstrução emocional e para a ruptura do ciclo de violência, especialmente em populações em situação de vulnerabilidade social.

#### **4.2.2. Invalidação Afetiva**

Indivíduos com elevados níveis de traços psicopáticos tendem a se envolver, de forma desproporcional, em comportamentos antissociais que provocam sofrimento em outras pessoas. Esse fenômeno não decorre apenas de desconhecimento acerca dos danos físicos associados a condutas como a agressão, mas sobretudo de uma limitação na compreensão das consequências emocionais dessas ações para as vítimas. Nesse sentido, uma das principais explicações teóricas aponta que déficits afetivos centrais presentes na psicopatia dificultam a aprendizagem de que comportamentos que geram sofrimento devem ser evitados, comprometendo a internalização de normas morais (Blair, 2005).

Além disso, a psicopatia está associada a prejuízos na capacidade de reconhecer emoções, especialmente o medo, a partir de sinais não

verbais expressos pela face, pelo corpo e pela voz. Evidências indicam que essa dificuldade persiste mesmo quando os estímulos são processados de forma pré-atentiva (Sylvers; Brennan; Lilienfeld, 2011) ou apresentados verbalmente (Marsh; Cardinale, 2012), sugerindo um déficit consistente no processamento emocional. Ademais, tais limitações estão mais fortemente relacionadas ao componente de insensibilidade afetiva da psicopatia do que ao comportamento antissocial propriamente dito (Dawel et al., 2012).

De forma integrada, esses achados indicam que a reduzida capacidade de processar e responder ao sofrimento emocional alheio contribui para a insensibilidade típica observada em indivíduos com traços psicopáticos. Essa limitação compromete a geração de respostas empáticas adequadas, favorecendo a manutenção de comportamentos que causam sofrimento às vítimas e dificultando a inibição de condutas prejudiciais (Marsh, 2011; Marsh; Blair, 2008).

#### **4.2.3. Desgaste Psíquico Gradual**

O desgaste psíquico gradual em vítimas de indivíduos com traços de psicopatia caracteriza-se como um processo progressivo de deterioração emocional, frequentemente decorrente de interações marcadas por manipulação, hostilidade e ausência de empatia. A literatura aponta que sujeitos com altos níveis de psicopatia tendem a apresentar comportamentos agressivos e instrumentalizados, nos quais o outro é percebido como meio para satisfação de interesses próprios, sem consideração por seu sofrimento emocional.

Esse padrão relacional, sustentado por déficits empáticos e desregulação emocional, contribui para a exposição contínua da

vítima a situações de tensão psicológica, favorecendo o desenvolvimento de sofrimento crônico (Skeem et al., 2011; Garofalo et al., 2020).

Nesse contexto, o desgaste psíquico não ocorre de forma abrupta, mas sim por meio de microagressões repetidas, invalidação emocional e estratégias de controle psicológico, como manipulação e distorção da realidade (gaslighting). Indivíduos com traços psicopáticos demonstram capacidade de identificar vulnerabilidades emocionais, ainda que não experimentem empatia afetiva, utilizando tais informações para intensificar o impacto psicológico sobre a vítima (Blair, 2005).

Essa dinâmica favorece a internalização de sentimentos de insegurança, dúvida e baixa autoestima, levando a um enfraquecimento progressivo da saúde mental e da capacidade de enfrentamento da vítima (Jonason; Webster, 2010).

Adicionalmente, o desgaste psíquico está frequentemente associado ao isolamento psicológico, uma vez que o agressor pode promover o afastamento da vítima de sua rede de apoio social, intensificando a dependência emocional e dificultando a percepção da situação abusiva.

Esse processo contribui para a manutenção do ciclo de violência psicológica e para a cronificação do sofrimento, podendo resultar em quadros de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático. Estudos indicam que vítimas expostas a relações com indivíduos psicopáticos relatam maior intensidade de sofrimento emocional e dificuldade de recuperação, evidenciando o impacto duradouro

dessas interações na saúde mental (Leedom; Andersen, 2011; Lyons; Wheeler, 2019).

#### **4.2.4. Isolamento Psicológico**

O isolamento, descrito por Silva (2024), é uma forma brutal de cortar os laços de apoio que poderiam ajudar a mulher a reconhecer a violência que sofre. Observou-se que, ao afastar a vítima de seus amigos e familiares, o agressor reduz drasticamente as chances de ela buscar ajuda externa, o que torna o controle ainda mais absoluto. É um ato intencional que vai além de um simples distanciamento; é uma tática de desumanização, na qual a mulher é reduzida a depender exclusivamente do agressor para qualquer tipo de apoio emocional.

O isolamento psicológico constitui um dos principais mecanismos de controle exercidos por indivíduos com traços de psicopatia, manifestando-se por meio do enfraquecimento progressivo dos vínculos sociais da vítima. Esse processo não ocorre de forma explícita, mas é construído gradualmente por meio de estratégias como desvalorização de relações externas, indução de conflitos interpessoais e criação de dependência emocional. A literatura demonstra que indivíduos com traços psicopáticos apresentam padrões interpessoais manipulativos e dominantes, nos quais o isolamento da vítima favorece a manutenção do controle e reduz a possibilidade de intervenção externa (Hare, 2003; Jonason; Webster, 2010).

Nesse contexto, o isolamento psicológico também está associado à invalidação afetiva e à distorção da realidade, frequentemente operacionalizadas por meio de práticas como o gaslighting. Ao

minar a confiança da vítima em suas próprias percepções e emoções, o agressor promove insegurança e confusão, dificultando a busca por apoio social e o reconhecimento da situação abusiva.

Estudos indicam que indivíduos com traços de psicopatia possuem capacidade de identificar vulnerabilidades emocionais e explorá-las de forma estratégica, intensificando o afastamento da vítima de sua rede de suporte (Blair, 2005; Leedom; Andersen, 2011).

Como consequência, o isolamento psicológico contribui significativamente para o agravamento do sofrimento mental, estando associado ao desenvolvimento de sintomas de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático. A ausência de suporte social e a dependência emocional reforçam o ciclo de abuso, tornando a vítima mais suscetível à manutenção da relação disfuncional. Evidências apontam que vítimas de indivíduos com traços psicopáticos apresentam maior dificuldade de recuperação emocional, justamente em função do isolamento e da fragilização de seus recursos de enfrentamento, o que evidencia o impacto profundo e duradouro desse fenômeno na saúde mental (Skeem et al., 2011; Lyons; Wheeler, 2019).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A psicopatia, enquanto transtorno de personalidade caracterizado por frieza emocional, manipulação e ausência de empatia, representa um fenômeno complexo e de extrema relevância para a Psicologia e demais áreas correlatas. Ao longo deste estudo, foi possível compreender como tais traços, especialmente a indiferença afetiva, impactam profundamente a vida das vítimas, muitas vezes de maneira silenciosa, invisível e duradoura.

A análise bibliográfica revelou que indivíduos com traços psicopáticos são capazes de identificar e explorar vulnerabilidades emocionais alheias, perpetuando abusos físicos, psicológicos, financeiros e sexuais em diferentes contextos, como relações íntimas e ambientes profissionais. As repercussões desse convívio incluem transtornos mentais graves, como depressão, ansiedade, TEPT e desestruturação emocional, exigindo um olhar mais atento da comunidade científica e dos profissionais da saúde mental.

Destaca-se a urgência de ampliar a discussão sobre as vítimas da psicopatia, propondo estratégias de prevenção, acolhimento e intervenção terapêutica eficazes. Além disso, torna-se essencial promover campanhas educativas que alertem sobre os sinais de vigilância nas relações interpessoais, possibilitando que mais pessoas reconheçam padrões abusivos e busquem ajuda especializada.

Por fim, este estudo contribui para a valorização da dimensão subjetiva e emocional das vítimas de psicopatas, ressaltando que a dor silenciosa que carregam precisa ser ouvida, compreendida e legitimada por toda a sociedade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, M. O. de. ***Imputabilidade do psicopata***. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2021.

AGOSTINHO, Tayla Fernandes; DONADON, Mariana Fortunata; BULLAMAH, Sabrina Kerr. **Terapia cognitivo-comportamental e depressão: intervenções no ciclo de manutenção**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 59–65, 2019. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v15n1/v15n1a09.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2026.

AGUIAR, Â. M. **Psicopatia: revelando mitos e verdades por trás do diagnóstico.** Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, v. 24, n. 50, p. 116–129, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** 5. ed. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARVAN, M. **Más notícias para conservadores? Julgamentos morais e os traços da tríade sombria: um estudo correlacional.** Neuroethics, v. 6, n. 2, p. 307–318, 2013.

BABIAK, P.; HARE, R. D. **Cobras de terno: quando psicopatas vão trabalhar.** New York: HarperCollins, 2006.

BECK, Judith S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática.** Tradução de Sandra Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Paulo Knapp e Elisabeth Meyer. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BILLINGS, A. G.; MOOS, R. H. **O papel das respostas de enfrentamento e dos recursos sociais na atenuação do estresse de eventos de vida.** Journal of Behavioral Medicine, v. 4, n. 2, p. 139–157, 1981.

BLAIR, R. J. R. **Aplicando uma perspectiva da neurociência cognitiva ao transtorno da psicopatia.** Development and Psychopathology, Cambridge, v. 17, n. 3, p. 865–891, 2005.

BLAIR, R. J. R. **Aplicando uma perspectiva da neurociência cognitiva ao transtorno da psicopatia.** *Development and Psychopathology*, Cambridge, v. 17, n. 3, p. 865–891, 2005.

BLAIR, R. J. R. et al. **Atribuições emocionais em psicopatas.** *Personality and Individual Differences*, v. 19, n. 4, p. 431–437, 1995.

BLAIR, R. J. R. **Raciocínio moral e a criança com tendências psicopáticas.** *Personality and Individual Differences*, v. 22, n. 5, p. 731–739, 1997.

BLAIS, J.; SOLODUKHIN, E.; FORTH, A. E. **Uma meta-análise explorando a relação entre psicopatia e violência instrumental versus reativa.** *Criminal Justice and Behavior*, v. 41, n. 7, p. 797–821, 2014.

BODDY, C. R. **Psicopatas corporativos, bullying e supervisão injusta no ambiente de trabalho.** *Journal of Business Ethics*, v. 100, n. 3, p. 367–379, 2011.

BODDY, C. R. **Psicopatas corporativos, conflito, bem-estar afetivo dos funcionários e comportamentos contraproducentes no trabalho.** *Journal of Business Ethics*, v. 121, n. 1, p. 107–121, 2014.

BOOK, A. S.; QUINSEY, V. L.; LANGFORD, D. **Psicopatia e a percepção de afeto e vulnerabilidade.** *Criminal Justice and Behavior*, v. 34, n. 4, p. 531–544, 2007.

BOOK, A.; COSTELLO, K.; CAMILLERI, J. A. **Psicopatia e seleção de vítimas: o uso da marcha como indicativo de vulnerabilidade.** *Journal of Interpersonal Violence*, v. 28, n. 11, p. 2368–2383, 2013.

BRAZIL, K. J.; DIAS, C. J.; FORTH, A. E. **Exploração seletiva e bem-sucedida na psicopatia: convencendo os outros e ganhando confiança.** *Personality and Individual Differences*, v. 170, p. 110394, 2021.

BROWN, S. L.; LEEDOM, L. J. **Mulheres que amam psicopatas: por dentro de relacionamentos de dano inevitável.** Health and Well-Being Publications, 2008.

CARVALHO, Susane Sena; DANTAS, Flávia Gonçalves Barro. **Violência doméstica no período pandêmico: análise das consequências que o isolamento social trouxe às vítimas de violência doméstica.** *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 9, n. 9, set. 2023.

CASAREZ-LEVISON, R. **Uma investigação empírica das estratégias de enfrentamento utilizadas por vítimas de crimes: redefinindo a vitimização.** In: VIANO, E. (ed.). *Critical issues in victimology: international perspectives*. New York: Springer, 1992. p. 46–57.

CIMA, M.; RAINE, A. **Características distintas da psicopatia relacionadas a diferentes subtipos de agressão.** *Personality and Individual Differences*, v. 47, n. 8, p. 835–840, 2009.

CLARKE, J. **Trabalhando com monstros: como identificar psicopatas no seu trabalho e como se proteger deles.** São Paulo: Fundamento, 2011.

COHEN, C.; FERRAZ, F. C.; SEGRE, M. (org.). **Saúde mental, crime e justiça.** São Paulo: EDUSP, 1996. v. 3.

COID, J. et al. **Prevalência e correlatos de traços psicopáticos na população domiciliar da Grã-Bretanha.** International Journal of Law and Psychiatry, v. 32, n. 2, p. 65–73, 2009.

COSTA, Rafael T. da; CARVALHO, Marcele R. de; NARDI, Antonio E. **Revisão sistemática sobre a resolução de problemas e mediação de conflito pela terapia cognitivo-comportamental.** Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1, p. 63–71, 2023.

CUNHA, O. et al. **Estrutura fatorial da Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R) em autores masculinos de violência por parceiro íntimo.** Journal of Forensic Psychology Research and Practice, v. 20, n. 3, p. 241–263, 2020.

DAWEL, Amy; O'KEARNEY, Richard; MCKONE, Elinor; PALERMO, Romina. **Não apenas medo e tristeza: evidências meta-analíticas de déficits generalizados no reconhecimento de emoções faciais e vocais em psicopatia.** Neuroscience and Biobehavioral Reviews, v. 36, n. 10, p. 2288–2304, 2012.

EDENS, J. F. et al. **Psicopático, não psicopata: evidência taxométrica para a estrutura dimensional da psicopatia.** Journal of Abnormal Psychology, v. 115, n. 1, p. 131, 2006.

ENDLER, N. S.; PARKER, J. D. **Avaliação multidimensional do enfrentamento: uma avaliação crítica.** Journal of Personality and Social Psychology, v. 58, n. 5, p. 844–854, 1990.

ERMER, E. et al. **Substância cinzenta paralímbica aberrante na psicopatia criminal.** Journal of Abnormal Psychology, v. 121, n. 3, p. 649, 2012.

EVANGELISTA, S. I. F. ***Psicopatia, personalidade e expressividade emocional***. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2015.

FOLKMAN, S. **A importância das emoções positivas no processo de estresse**. *Anxiety, Stress ; Coping*, v. 21, n. 1, p. 3–14, 2008.

FORTH, A.; SEZLIK, S.; LEE, S.; RITCHIE, M.; LOGAN, J.; ELLINGWOOD, H. **Relacionamentos tóxicos: experiências e efeitos da psicopatia em relacionamentos românticos**. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 66, n. 15, p. 1627–1658, 2022.

FOX, B.; DELISI, M. **Assassinos psicopatas: uma revisão meta-analítica da relação entre psicopatia e homicídio**. *Aggression and Violent Behavior*, v. 44, p. 67–97, 2019.

GALENDE, A. A.; PUERTAS, R. R. **Psicopatia e abuso narcisista: as consequências de um tipo desconhecido de violência por parceiro íntimo**. *CENTRA Journal of Social Science*, v. 3, n. 2, p. 53–72, 2024.

GAROFALO, C.; NEUMANN, C. S.; VELLOSO, M.; HARE, R. D. **Psicopatia e agressão: o papel da desregulação emocional**. *Journal of Interpersonal Violence*, Thousand Oaks, v. 35, n. 21-22, p. 4527–4549, 2020.

GIL, A. C. ***Métodos e técnicas de pesquisa social***. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, C. C.; ALMEIDA, R. M. M. de. **Psicopatia em homens e mulheres**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 1, p. 13–21, 2010.

GONÇALVES, C. D. M. **O tratamento da psicopatia frente ao ordenamento jurídico brasileiro: possibilidade de aplicação do artigo 26, parágrafo único, do Código Penal. 2019.** [Trabalho acadêmico].

GRANN, M.; WEDIN, I. **Fatores de risco para reincidência entre agressores conjugais e homicidas conjugais.** *Psychology, Crime ; Law*, v. 8, n. 1, p. 5–23, 2002.

GUAY, J. P.; RUSCIO, J.; KNIGHT, R. A.; HARE, R. D. **Uma análise taxométrica da estrutura latente da psicopatia: evidências de dimensionalidade.** *Journal of Abnormal Psychology*, v. 116, n. 4, p. 701, 2007.

HARE, R. D. **Avaliação da psicopatia pelo PCL-R.** In: *The Wiley International Handbook on Psychopathic Disorders and the Law.* Hoboken: Wiley, 2020. p. 63–106.

HARE, R. D. **Psicopatas e sua natureza: implicações para a compreensão da violência predatória humana.** In: *Violence and Psychopathy.* Boston: Springer, 2001. p. 5–34.

HARE, R. D. ***Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós.*** Porto Alegre: Artmed, 2013.

HARE, R. D. ***Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós.*** New York: Guilford Press, 2003.

HARE, R. D. ***The psychopathy checklist-revised (PCL-R).*** Toronto: Multi-Health Systems, 2003.

HARE, R. D.; HART, S. D.; HARPUR, T. J. **Psicopatia e os critérios do DSM para transtorno de personalidade antissocial.** *Journal of Abnormal Psychology*, v. 100, n. 3, p. 391, 1991.

HARE, R. D.; NEUMANN, C. S. **Psicopatia: avaliação e implicações forenses.** *The Canadian Journal of Psychiatry*, v. 54, n. 12, p. 791–802, 2009.

HARE, R. D.; NEUMANN, C. S.; WIDIGER, T. A. **Psicopatia.** In: **WIDIGER, T. A. (ed.). *The Oxford handbook of personality disorders*.** Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 478–504.

HENRIQUES, R. P. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: **a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência.** *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 12, p. 285–302, 2009.

HOOBERMAN, J.; ROSENFELD, B.; RASMUSSEN, A.; KELLER, A. **Resiliência em refugiados expostos a trauma: o efeito moderador do estilo de enfrentamento nas variáveis de resiliência.** *American Journal of Orthopsychiatry*, v. 80, n. 4, p. 557–563, 2010.

HUMENY, C.; FORTH, A.; LOGAN, J. **Traços psicopáticos predizem experiências de sobreviventes de abuso doméstico.** *Personality and Individual Differences*, v. 171, p. 110497, 2021.

HUNT, E. et al. **Interações entre fatores da psicopatia e psicopatologia coexistente: a abordagem de mensuração faz diferença?** *Psychological Assessment*, v. 27, n. 2, p. 583, 2015.

HUSS, M. T.; LANGHINRICHSEN-ROHLING, J. **Identificação do agressor psicopático: implicações clínicas, legais e políticas.**

Aggression and Violent Behavior, v. 5, n. 4, p. 403–422, 2000.

JONASON, P. K. et al. **Que teia complexa tecemos: a Tríade Sombria e a decepção.** Personality and Individual Differences, v. 70, p. 117–119, 2014.

JONASON, P. K.; WEBSTER, G. D. **A “dúzia suja”: uma medida concisa da tríade sombria.** Psychological Assessment, Washington, v. 22, n. 2, p. 420–432, 2010.

JONASON, P. K.; WEBSTER, G. D. **Uma abordagem proteica da influência social: a Tríade Sombria e as táticas de influência social.** Personality and Individual Differences, v. 52, n. 4, p. 521–526, 2012.

JONES, D. N. **Risco diante de retaliação: indivíduos psicopáticos persistem em comportamentos financeiros inadequados na Tríade Sombria.** Personality and Individual Differences, v. 67, p. 109–113, 2014.

KIRBY, R.; SHAKESPEARE-FINCH, J.; PALK, G. **Estratégias de enfrentamento adaptativas e desadaptativas predizem desfechos pós-trauma em profissionais de ambulância.** Traumatology, v. 17, n. 4, p. 25–34, 2011.

KIRKMAN, C. A. **Da novela à ciência: em direção ao acesso aos psicopatas que vivem entre nós.** Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice, v. 78, n. 3, p. 379–396, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

LAZARUS, R.; FOLKMAN, S. ***Stress, appraisal and coping***. New York: Springer, 1984.

LEEDOM, L. J.; ANDERSEN, D. **Psicopatia e o processamento emocional das vítimas**. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, Thousand Oaks, v. 55, n. 6, p. 925–940, 2011.

LEEDOM, L. J.; GEISLIN, E.; HARTOONIAN ALMAS, L. **“Ele realmente me amou?” Um estudo qualitativo sobre a vida com um marido psicopata**. *Family and Intimate Partner Violence Quarterly*, v. 5, n. 2, p. 103–135, 2012.

LEEDOM, L. **O impacto da psicopatia na família**. In: DURBANO, F. (ed.). *Psychopathy: new updates on an old phenomenon*. Rijeka: InTech, 2017. p. 139–167.

LILLY, M. M.; GRAHAM-BERMANN, S. **Violência por parceiro íntimo e transtorno de estresse pós-traumático: o papel moderador do enfrentamento focado na emoção**. *Violence and Victims*, v. 25, n. 5, p. 604–616, 2010.

LYONS, M.; WHEELER, L. **O impacto dos traços psicopáticos no bem-estar psicológico das vítimas**. *Personality and Individual Differences*, Amsterdam, v. 140, p. 1–6, 2019.

MAGER, K. L.; BRESIN, K.; VERONA, E. **Gênero, fatores da psicopatia e violência por parceiro íntimo**. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, v. 5, n. 3, p. 257–267, 2014.

MARSH, Abigail A. **Empatia e compaixão: uma perspectiva da neurociência cognitiva**. In: DECETY, Jean (org.). *Empatia: da*

bancada à prática clínica. Cambridge: MIT Press, 2011. p. 191–206.

MARSH, Abigail A.; BLAIR, R. J. R. **Déficits no reconhecimento de expressões faciais em populações antissociais: uma meta-análise.** *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, v. 32, n. 3, p. 454–465, 2008.

MARSH, Abigail A.; CARDINALE, Elisa M. **Psicopatia e medo: prejuízos específicos no julgamento de comportamentos que assustam os outros.** *Emotion*, v. 12, n. 5, p. 892–898, 2012. DOI: 10.1037/a0026260.

MATHIEU, C.; NEUMANN, C. S.; HARE, R. D.; BABIAK, P. **O lado obscuro da liderança: psicopatia corporativa e sua influência no bem-estar e na satisfação no trabalho dos funcionários.** *Personality and Individual Differences*, v. 59, p. 83–88, 2014.

MCCANN, I. L.; SAKHEIM, D. K.; ABRAHAMSON, D. J. **Trauma e vitimização: um modelo de adaptação psicológica.** *The Counseling Psychologist*, v. 16, n. 4, p. 531–594, 1988.

MEDEIROS, C. R.; JUNIOR, V. M. V.; POSSAS, M. de C. **“Quem mais veste Prada?” Psicopatas corporativos e assédio moral no trabalho.** *Revista ADM.MADE*, v. 19, n. 1, p. 102–122, 2015.

MEYER, B. **Enfrentamento de transtornos mentais graves: relações do Brief COPE com sintomas, funcionamento e bem-estar.** *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, v. 23, n. 4, p. 265–277, 2001.

MILLER, J. D.; LYMAN, D. R.; WIDIGER, T. A.; LEUKEFELD, C. **Transtornos de personalidade como variantes extremas de dimensões comuns da personalidade: o modelo dos cinco fatores**

**representa adequadamente a psicopatia?** Journal of Personality, v. 69, n. 2, p. 253–276, 2001.

MOORE, B. C.; BIEGEL, D. E.; MCMAHON, T. J. **Enfrentamento desadaptativo como mediador do estresse familiar.** Journal of Social Work Practice in the Addictions, v. 11, n. 1, p. 17–39, 2011.

MOREIRA, M. L. B. **A contribuição da psicologia para a prevenção de crimes envolvendo psicopatas.** 2022. [Trabalho acadêmico].

MURIBECA, M. D. M. M. **Psicopatia, violência e crueldade: agressores sexuais sádicos e sistemáticos.** Estudos de Psicanálise, n. 48, p. 157–165, 2017.

MURRAY, A. A.; WOOD, J. M.; LILIENFELD, S. O. **Traços de personalidade psicopática e dissonância cognitiva: diferenças individuais na mudança de atitudes.** Journal of Research in Personality, v. 46, n. 5, p. 525–536, 2012.

NEUMANN, C. S.; HARE, R. D. **Traços psicopáticos em uma grande amostra comunitária: relações com violência, uso de álcool e inteligência.** Journal of Consulting and Clinical Psychology, v. 76, n. 5, p. 893–899, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação dos transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PALOMBA, G. A. **Tratado de psiquiatria forense civil e penal.** São Paulo: [s.n.], 2003.

PATRICK, C. J. **Psicopatia e comportamento criminoso.** In: *Clinical psychology*. 8. ed. Belmont: Wadsworth/Thomson Learning, 2008. p. 317–335.

PORTER, S.; TEN BRINKE, L.; BAKER, A.; WALLACE, B. **Eu mentiria para você? “Vazamento” em expressões faciais enganosas relacionado à psicopatia e à inteligência emocional.** *Personality and Individual Differences*, v. 51, n. 2, p. 133–137, 2011.

RATHUS, S. A. **Uma escala de 30 itens para avaliação do comportamento assertivo.** *Behavior Therapy*, v. 4, p. 398–406, 1973.

RESSLER, R. K.; SHACHTMAN, T. ***Assassinos em série.*** Barcelona: Ariel, 2005.

RITCHIE, M. B.; BLAIS, J.; FORTH, A. E. **Intenções “malignas”: examinando a psicopatia, núcleo da Tríade Sombria, e sua relação com a seleção de vítimas.** *Personality and Individual Differences*, v. 138, p. 126–132, 2019.

RITCHIE, M. B.; BLAIS, J.; FORTH, A. E.; BOOK, A. S. **Identificando vulnerabilidade à violência: o papel da psicopatia e do gênero.** *Journal of Criminal Psychology*, v. 8, n. 2, p. 125–137, 2018.

RITCHIE, M. B.; FORTH, A. E. **Sem preocupação: predição de transgressões morais pessoais a partir da psicopatia e do gênero.** *Personality and Individual Differences*, v. 94, p. 247–252, 2016.

ROBERTSON, C. A.; KNIGHT, R. A. **Relações entre sadismo sexual e psicopatia, violência não sexual e comportamentos de crimes sexuais.** *Aggressive Behavior*, v. 40, n. 1, p. 12–23, 2014.

ROBERTSON, E. L.; WALKER, T. M.; FRICK, P. J. **Perpetração de violência por parceiro íntimo e psicopatia: uma revisão abrangente.** *European Psychologist*, v. 25, n. 2, p. 134–145, 2020.

SILVA, J. **O impacto do isolamento na violência doméstica.** Minas Gerais: Editora UFABC, 2024.

SKEEM, J. L.; POLASCHEK, D. L. L.; PATRICK, C. J.; LILIENFELD, S. O. **Personalidade psicopática: aproximando a lacuna entre evidência científica e políticas públicas.** *Psychological Science in the Public Interest*, Washington, v. 12, n. 3, p. 95–162, 2011.

SYLVERS, Patrick D.; BRENNAN, Patricia A.; LILIENFELD, Scott O. **Traços psicopáticos e processamento pré-atentivo de ameaças em crianças: um novo teste da hipótese da ausência de medo.** *Psychological Science*, v. 22, n. 10, p. 1280–1287, 2011. DOI: 10.1177/0956797611420730.

TEDESCHI, R. G.; CALHOUN, L. G. **Inventário de crescimento pós-traumático: mensurando os efeitos positivos do trauma.** *Journal of Traumatic Stress*, v. 9, n. 3, p. 455–471, 1996.

TYRER, P. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: uma classificação dos transtornos de personalidade que já cumpriu seu papel.** *Clinical Psychology ; Psychotherapy*, v. 19, n. 5, p. 372–374, 2012.

VASCONCELLOS, S. J. L. ***O bem, o mal e as ciências da mente: do que são constituídos os psicopatas.*** São Paulo: Ícone, 2014.

VISSER, B. A.; BAY, D.; COOK, G. L.; MYBURGH, J. **Psicopáticos e antissociais, mas não emocionalmente inteligentes.** *Personality*

and Individual Differences, v. 48, n. 5, p. 644–648, 2010.

WALTERS, G. D. et al. **Uma análise taxométrica da Psychopathy Checklist: Screening Version (PCL: SV): evidências adicionais de dimensionalidade.** Psychological Assessment, v. 19, n. 3, p. 330, 2007b.

WALTERS, G. D.; DUNCAN, S. A.; MITCHELL-PEREZ, K. **A estrutura latente da psicopatia: uma investigação taxométrica da Psychopathy Checklist-Revised em uma amostra heterogênea de detentos do sexo masculino.** Assessment, v. 14, n. 3, p. 270–278, 2007a.

WHEELER, S.; BOOK, A.; COSTELLO, K. **Traços psicopáticos e percepções de vulnerabilidade da vítima.** Criminal Justice and Behavior, v. 36, n. 6, p. 635–648, 2009.

YANG, Y.; RAINE, A.; COLLETTI, P.; TOGA, A. W.; NARR, K. L. **Alterações morfológicas no córtex pré-frontal e na amígdala em psicopatas não bem-sucedidos.** Journal of Abnormal Psychology, v. 119, n. 3, p. 546–554, 2010.

ZIMMERMAN, M. et al. **O DSM-IV já capta a natureza dimensional dos transtornos de personalidade?** The Journal of Clinical Psychiatry, v. 72, n. 10, p. 1333–1339, 2011.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário UniBRÁS Rio Verde. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

<sup>2</sup> Discentes do curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário UniBRÁS Rio Verde. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

<sup>3</sup> Docente do curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário UniBRÁS Rio Verde. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)